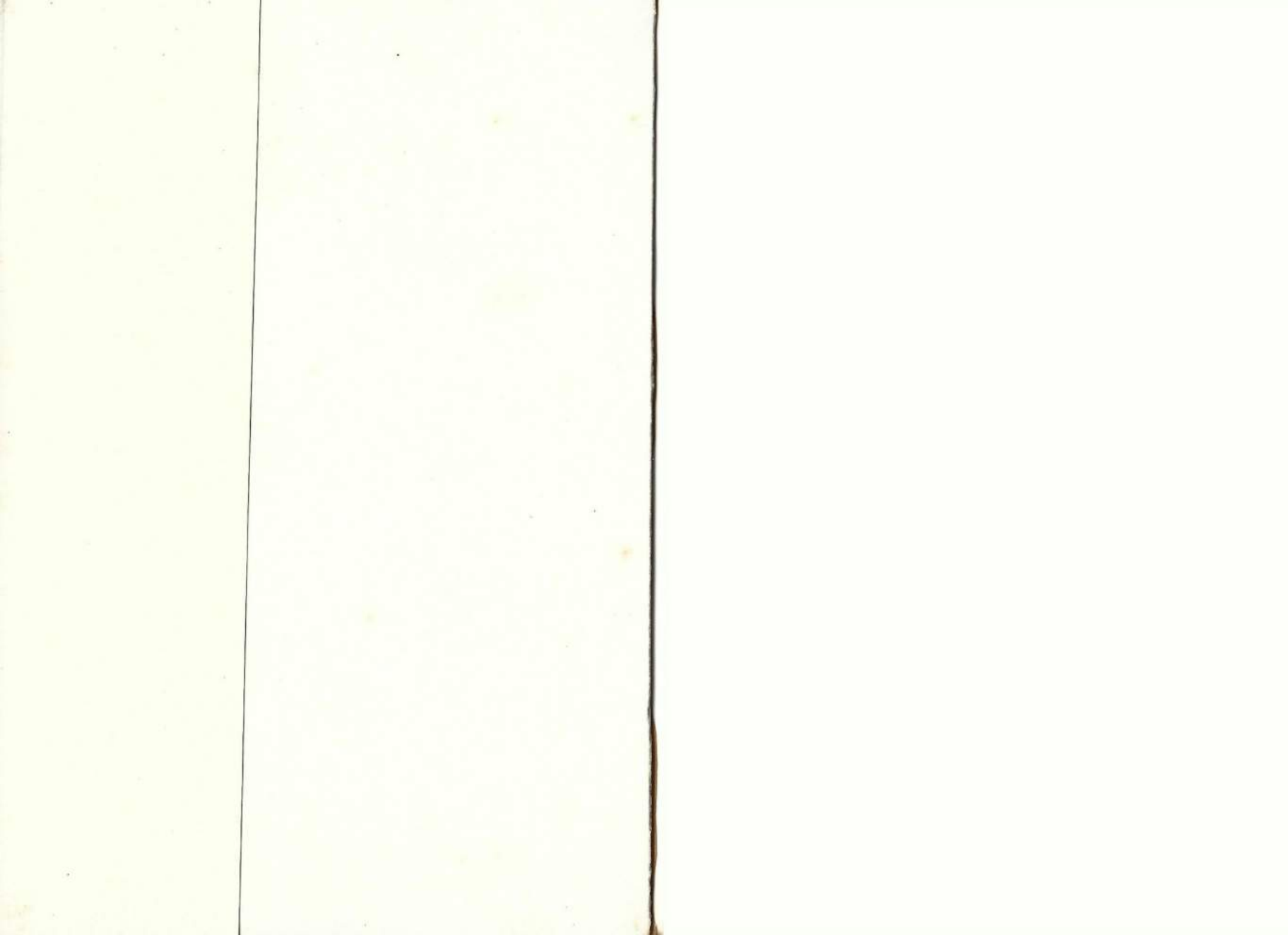


F
rancisco
*C**ândido* *X**avier*
*J**air* *P**resente*

REVELAÇÃO



Homenagem e gratidão a
Rolando Ramacciotti

Francisco Cândido Xavier

Jair Presente

REVELAÇÃO

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL S/C EDITORA

G. E. E. M.

1992

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Presente, Jair (Espírito).

Revelação / Jair Presente ; [psicografia de]
Francisco Cândido Xavier. — São Bernardo do Campo,
SP : Grupo Espírita Emmanuel, 1992.

1. Espiritismo 2. Médiuns 3. Psicografia 4. Re-
encarnação I. Xavier, Francisco Cândido, 1910-
II. Título.

92-2426

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Direitos autorais cedidos ao

GEM

Copyright © 1992 by

Grupo Espírita Emmanuel

Sociedade Civil Editora

Todos os direitos reservados

Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora
Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, 2857
Caixa Postal 888

Telefones: (011) 419-7122 e 419-7960

Cep 09701-970 - São Bernardo do Campo - S.P. - Brasil

CGC nº 59.141.085/0001-70

1992

1ª EDIÇÃO
EDIÇÃO GEEM
1992

CAPA:
Gessé Alves Pereira

DIAGRAMAÇÃO:
Vivaldo da Cunha Borges

PRODUÇÃO:
Walter Mittelstaedt

SUMÁRIO

REVELAÇÃO	14
REGENERAÇÃO	16
LUTA DE UM PAI	22
PERDÃO	29
CÓLERA	31
DEFINIÇÃO	39
CARNAVAL	40

AVAREZA	50
ATEUS	55
EM DEFESA DOS ANIMAIS	56
MOLEZA	64
MISERICÓRDIA E FÉ	67
PERDÃO E VIDA	73
PARABÊNS, AUGUSTO	79
REENCARNAÇÃO E VIDA	80
DIRETRIZ	86

REVELAÇÃO

Amigo Leitor:

Jair Presente era o poeta juvenil, cujas produções lhe retratavam, acima de tudo, a graciosa mocidade.

Atualmente, em plena renovação no Plano Espiritual, produziu este livro, em que o humor e a graça do estilo, se lhe enriqueceram de formosa revelação.

Leiamos as suas páginas, pontilhadas de ensinamento e beleza e ver-nos-emos, ao lado de um jovem, surpreendentemente levado ao Conhecimento Superior, doando-nos os frutos de sua inteligência e criatividade, além de conduzir-nos às áreas de inspiração e entendimento do Evangelho do Senhor Jesus.

Que saibamos assimilar e aproveitar as suas lições e apontamentos, são os nossos votos.

Emmanuel
Uberaba, 18 de Junho de 1992

REGENERAÇÃO

Pelo médium possuído,
Disse, o rude obsessor,
Por favor, ninguém me fale
Em perdão, bondade e amor.

Se roubaram minhas terras
Quebrando normas de lei,
Conheço meus inimigos,
Bem os conheço, bem sei...

Toda terra desta vila
É minha propriedade,
Pela força do progresso
Ei-la virando cidade...

Vários ladrões se reuniram,
Tudo de caso pensado,
E usando papéis de fraude
Puseram-me derrotado.

Firmina, minha mulher,
Morreu de tanto desgosto.
Ela deve estar no Céu
E estou firme no meu posto.

Deixei meus dois pequeninos,
Com nossa Tia Constança,
E aqui continuo agindo
Em meus planos de vingança.

Falou o doutrinador:
Meu irmão, perdoa e esquece;
No caminho do perdão,
O ódio desaparece.

O obsessor prosseguiu
Dizendo frases insanas,
Dando incômodos ao grupo
Por quatro longas semanas.

Mas noutra rua existia
Um espírita nobre e genuíno,
Pedreiro de vida simples
Chamado irmão Bernardino.

Ele foi solicitado
A ajudar o vingador;
Sob tensão veio ao grupo,
E orou com grande fervor.

Diante do obsessor,
Exclamou: meu caro irmão,
Soube aqui que a sua paz
Depende do seu perdão.

Ante a pequena assembléia
Da sessão de amor e luz,
Pedi ao pobre rebelde,
Que recordasse Jesus!...

O obsessor em gestos rudes,
Parecia sem lugar,
E com o assombro de todos,
O pobre pôs-se a chorar.

Bernardino compungido
Dava-lhe paz e esperança,
Entretanto, o vingador,
Chorava sem confiança.

Depois gritou: Deus me livre
Deste ódio que não sai.
Bernardino, meu amigo,
Vem a mim! Eu sou seu pai!...

LUTA DE UM PAI

O Coronel Minervino
Era rico fazendeiro,
Segundo a fala do povo
Guardava muito dinheiro.

Ao perder a esposa morta,
Dona Libânia Maria,
Caiu em doença grave
Entrando em paralisia.

A clamar e a lamentar-se
Sozinho num casarão,
Tomou por filho adotivo
O órfão Sebastião.

O menino que era pobre,
Mas, pobre a mais não poder,
Não mostrava a inclinação
De servir e obedecer.

Na escola era mau aluno,
Preguiçoso e respondão,
Quase todos os colegas
Tinham medo do Tião.

O coronel evitava
Falar-lhe em renúncia e paz,
Queria encontrar no filho
Um atleta forte e capaz.

Muito em breve fez-se moço
Bonitão e gastador.
Usava as notas do pai
Como papéis sem valor.

Não aceitava conselhos
De estudar ou de parar,
Tinha ele um pai tão rico
Para que se incomodar?

Mas, ninguém foge a mudanças
Que aparecem ano a ano;
O coronel via no filho
O seu pior desengano.

Estava pobre e doente
Pagando agora os juros
Das quantias emprestadas
Para resgates futuros.

Piorando, piorando...
Nada mais tinha de seu...
Numa noite triste e fria
O coronel faleceu.

Tião chorou, mas, lembrou-se
Dos seus tempos de criança;
De certo receberia
Do pai morto grande herança.

No outro dia, forte e ansioso
Mantendo o seu sonho inglório,
Foi chamado para ajustes
Registrados num cartório.

O escrivão plantonista
Informou-o, num momento,
Que o pai morto não deixara
O mínimo testamento.

Deixou uma carta apenas
Com cuidado e distinção,
Documento dirigido
Ao filho Sebastião.

O rapaz abriu-a logo,
Era algum informe enfim...
Quem sabe maneava herança?
A carta dizia assim:

“Tião,
Terminam agora
Meus dias atribulados,
Todos os bens que me restam
Estão hoje hipotecados.

Não lhe deixo herança alguma,
Estou pobre e sem valia,
Meu filho, tudo lhe dei
E agora chegou meu dia...
Nada mais tenho a lhe dar
Mas se você quer dinheiro,
Muito dinheiro a gastar,
Busque o bem, fazendo amigos
E comece a trabalhar.”

PERDÃO

Perdão é luz no caminho
Que restaura e regenera.
Alma nobre que perdoa,
Se doente ou atormentada,
Pela fé se recupera.

Depressões, crises, angústias,
Desilusão e tristeza
Rogam a paz do perdão,
Encontrando segurança
E a bênção da fortaleza.

O coração revoltado
É doente grave ou louco,
Buscando amor e esperança,
Já que pode renovar-se
Perdoando, pouco a pouco.

CÓLERA

O Coronel João Conrado,
Solteiro mas setentão,
Amontoava dinheiro
Com verdadeira paixão.

A morte levava o pai
Para as surpresas do Além;
Morava com mãe e irmã,
Não queria mais ninguém.

Companheiros lhe diziam:
— Conrado, no que te sobre
Medita nas desventuras
Do chamado irmão mais pobre...

No entanto, ele respondia:
— Para mim a Caridade
É mentira em muita gente
E capa de falsidade.

Certa manhã, um menino,
Tremendo ao frio que o corta,
Subiu a escada de acesso
E, inquieto, lhe bate à porta.

Ele ergueu-se, impaciente,
Mostrando os olhos em brasa.
E usando gestos violentos,
Abriu a porta da casa.

— Mas, quem é? E o jovem disse:
— Não se lembra? Eu sou Medeiros,
Venho pedir ao senhor
Dar-me os quarenta cruzeiros...

— Por que isso? — diz Conrado —
Seu pedido é um disparate...
Clama o pequeno: — Estou certo,
Porque sou seu engraxate.

— Limpei-lhe oito sapatos,
A cinco cruzeiros cada,
Oito vezes cinco vezes
São minha conta esperada.

— Trabalho com meus amigos
Na pracinha, aqui em frente,
Desculpe se lhe aborreço...
Minha mãe está doente.

— O senhor vai me entender
E sei que vai perdoar-me...
Preciso de meu dinheiro...
Peço ao senhor sem alarme...

Conrado vociferou:
— Você parece intrujão...
Não vou lhe dar meu dinheiro,
Nem lhe dou satisfação!...

De olhar triste e lacrimoso,
Misturando espanto e dor,
O garoto reiterou:
— Tenho mãe com muito amor...

Gritou Conrado, raivoso:
— Você vai me conhecer,
Vou contar-lhe numa sova,
Tudo o que vai receber.

Vendo-lhe o punho cerrado
E prevendo o que viria,
O menino pensa em surra
E se põe em correria...

Conrado também correu
Para esmurrá-lo, a preceito,
Cobriu-se de um paletó
E seguiu insatisfeito.

Entretanto, viu-se, às pressas,
De força debilitada
E caiu sem atenção,
Logo, ao princípio da escada.

Rolou degraus, alguns metros,
De maneira estonteada,
E ergueu-se, à feição de louco,
Fronte suja e ensangüentada.

Conduzido a tratamento,
Escolhendo o que fazia,
O sangue se lhe escoava
Numa forte hemorragia.

O sangue por vários pontos
Aumentava hemorragias
E embora os muitos cuidados,
Faleceu em cinco dias.

Morreu recordando a queda
Maldizendo os trambolhões...
Não pagou alguns cruzeiros,
Mas, para encontrar a morte,
Pagou quarenta milhões.

DEFINIÇÃO

Todos recebem na vida
Luz ou treva, mal ou bem.
A Justiça é qual o Sol,
Não excetua a ninguém.

CARNAVAL

Procurando distração,
Fui, contente, ao carnaval!
Muito ouvia em torno dele
E quis vê-lo ao natural.

Apelei para João Panca,
Um prestimoso vizinho,
Que não me deixasse a sós,
Não queria estar sozinho.

João concordou comigo,
Era sempre o companheiro...
E lá nós fomos, os dois,
Ao passeio, dia inteiro.

João falava na caridade,
Mas a festa estava à espera;
Era preciso seguir,
Beneficência “já era”.

Já que falava em virtude,
Chamei-o a ver Dona Bela,
Que nos atirou um vaso,
Pingando água amarela.

Conquanto desapontado,
Visitamos Dona Aninha,
Que nos jogou sobre o peito,
Duas “jóias” de galinha.

João mostrava-se amargurado,
E como alguém que se poupa,
Regressou à própria casa,
A fim de trocar de roupa.

Encontrei um grande praça,
Léo, filho de Dona Esther;
Ele pediu-me, alterado,
Uma saia de mulher.

Todo amigo dava gritos,
Nessa festa sem sentido,
Afirmava Dona Clara,
Ter a calça do marido.

Vi flautas e violões,
Passando, em busca ao sem-fim,
Muita gente me chamava,
Ao lado dos tamborins.

Um homem que carregava,
Dois chocalhos, uma vara,
Não sei se foi por querer,
Esmurrou-me a própria cara.

Carnaval representava,
A festa do meu País,
Por isso segui em frente,
Tão forte quanto feliz.

Era justo conhecer
Uma festa semelhante,
Por isso aceitei sem mágoa,
A agressão extravagante.

Fui buscar, querendo um grupo,
O amigo Simão Veloz,
Ele queria cantar,
Mas “rugia” junto a nós.

Meus amigos sempre muitos,
Pareciam-me doentes,
No entanto, não quis deixá-los,
Ao vê-los irreverentes.

Venci diversos empecos
E fui ao Tino da Chalaça,
Ele, porém, nem me viu,
Estirado na cachaça.

O povo todo dançava,
E eu olhava sem remoque,
Achava muito esquisita,
A orquestra chamada Roque.

Um homem sério abriu alas,
Era o melhor dos Nicolas,
Lembrava antigo palhaço,
Exibindo Cabriolas.

Perguntei a um guarda amigo,
Que a ninguém queria mal,
Só desejava saber,
Se estava no carnaval.

Ele disse:
Olhe as crianças,
Todas dançam recordando
Nossas futuras mudanças.

Vi um par, a longos beijos,
Na sombra de velho muro,
Como a dizer que o amor,
Só se revela no escuro.

Disse o amigo:
— Se o senhor quer demorar-se,
Procurando amigos maus,
Dê-me logo oitenta paus.

Dentre os quadros que anotei,
Vi o mestre Manassés,
Que dançava e requebrava,
Da cabeça até os pés.

Um conflito sucedeu,
Vendo a filha de Nereu
Nos braços de outra pessoa,
Genuíno enlouqueceu.

Achei-me desencantado.
Eu que entrara reverente.
A fim de largar o grupo
Precisava ser valente.

Retornei a nossa casa
Meditando, por sinal,
Se o carnaval que assistira,
Que seria? bem ou mal?

Pensei em meu pai distante,
Minha mãe falou: — Na vida,
O carnaval é loucura,
Doença desconhecida.

AVAREZA

Não se soube de onde vinha,
Seu nome — Tuca Tinteiro.
Vendia tintas na rua
E tinha muito dinheiro.

Dava conselhos aos pobres,
Buscando escolher a quem,
Mas do dinheiro no cofre,
Não amparava ninguém.

— Seu Tuca — disse Ana Clara,
Sou viúva de João Xisto.
Tuca, porém, replicava:
— Não tenho nada com isto.

— Seu Tuca, preciso tempo,
Rogava Dona Ziúra.
No entanto, ei-lo que lhe arranca
A máquina de costura.

— Seu Tuca, empreste-me cem...
Pagarei quando voltar.
— Diz Tuca: você falhando,
É mais cem para acertar.

Tuca se via tristonho,
Faltava-lhe um companheiro;
Entretanto, era seu lema:
Dinheiro, dinheiro e dinheiro.

Declarava-se usurário
E dizia: — Quem não é?
Sem dinheiro no meu bolso,
Não tomo nem um café.

— Pobreza não é meu fraco,
Detesto a vida na roça;
Quero dinheiro comigo,
Papel ou moeda grossa.

— O meu regime de vida
É necessário a qualquer,
Filosofia de todos
Seja homem ou mulher.

E assim vivia Tinteiro..
E a falar palavras feias
Cobrava um simples tostão,
Tomando terras alheias.

Num domingo, entre os amigos,
Pitando e contando casos,
Quando viu certa mulher,
Falando-lhe em conta e prazos.

Ele ia responder
Mas tombou com dor tão forte,
Que a mulher veio abraçá-lo.
Era ela a própria Morte...

ATEUS

O bilionário dizia
Que Deus é o ouro da mina,
No entanto, ao ver-se leproso,
Pedi a Bênção Divina.

Homem rico e gastador,
Grande ateu entre ateus,
Mas vendo o seu filho morto,
Clamou chorando por Deus.

EM DEFESA DOS ANIMAIS

No termo do ano passado,
Tive um chamado ideal:
Devia dar assistência
Aos serviços do Natal.

Fiz preces, rogando a Deus
Paz na mente, amor e luz,
Sabendo que aquela data
Era a Festa de Jesus.

Comecei a trabalhar
Testando-me a confiança...
Que Deus me desse mais força,
Mais apoio na esperança.

Fiquei, porém, desgostoso,
Pois no Grande Feriado
Só se falava da festa,
Jesus não era lembrado.

Primeiro fui à Mansão
Do meu amigo João Dias.
Ele estava entusiasmado
Comendo duas cotias.

Então fui ver Dona Eulália,
Conhecida por Luloca.
Ela e o marido traçavam
Língua de boi com paçoca.

Fui ao encalço do pastor,
Pregador “cara e coroa”.
Ele estava em grande pressa,
Temperando uma leitoa.

Encontrei, no galinheiro,
Vasta frota de perus.
Coitados, nenhum deles
Quis falar sobre Jesus.

Recordei Dona Germana,
Famosa em fazer angu.
Germana e o filho trinchavam
Lombo de porco e tutu.

Muito triste, procurei
A casa de João Chichorro.
No entanto, revi o amigo
Comendo o próprio cachorro.

Fui no pouso da Donana,
A caridade segura.
Ela estava degustando
Farofa com tanajura.

Parei na casa de Lauro
Que vivia no descanso.
Vi Cocota, a esposa dele,
Cortando a goela de um ganso.

Vacilando, entrei no lar
Do companheiro João Tato.
O amigo se achava à mesa,
Comendo carne de gato.

Procurei seguir em frente,
Parei no Bar de Ciloca.
Ela se achava “arrumando”
Cinco quilos de minhoca.

Em seguida, busquei
O sítio de Adão do Embalo.
Dizendo ter muita fome,
Comia o próprio cavalo.

Passsei na casa de Antônio,
O antigo dono dos tangos.
João não dançava, comia,
Só de uma vez, cinco frangos.

Em total abatimento,
Lembrei-me do Hevi da Cruz...
Se visse tanta matança
O que diria Jesus!

Em qualquer parte onde eu ia,
Estavam potes de borco.
Carnes de gado no abate,
Carne de cabra e de porco.

Por que, meu Deus, perguntei,
Neste dia sem igual,
Há tanta morte
Sobre as horas do Natal?

O homem do dia-a-dia
Matava só por prazer...
O homem não acharia
Outra coisa pra comer?

As espécies de animais
Recebem nos dias seus,
A bondade e a proteção
Que chegam do amor de Deus.

Ante o Natal de Jesus,
Guardando os princípios sãos,
Comer carne, não tanto,
Deus bendirá vossas mãos.

MOLEZA

O trabalho é lei da vida
No lar, na Terra, no Mar...
Tudo nos pede ao caminho
Trabalhar e trabalhar.

Somos nós um grupo imenso
Que Jesus guarda e comanda.
Na estatística das horas
Tudo move, tudo anda.
Entre nós, porém, existe
Uma difícil doença;
Essa moléstia é a moleza
Que nasce da indiferença.

Muito difícil tratá-la,
Porquanto surge na estrada,
Quando menos a esperamos.
Ei-la que nos paraliza
Nos impulsos em que estamos.
Moleza não quer serviço,
Moleza não quer estudo,
Moleza não quer lição;
Moleza não quer amor,
Moleza não quer exame,
Moleza não quer apoio,
Moleza não deseja obrigação.
Moleza não quer vizinho,
Moleza não quer asseio,
Moleza não quer espinho,
Moleza não quer saber,
Moleza não quer pedras no caminho.
Moleza não quer amparo,
Moleza quer pensar somente em si;

Moleza não quer aborrecimento,
Moleza não quer mudança,
Moleza não quer qualquer esperança.
Moleza não quer renovar,
Moleza só estima a si própria.
Moleza não quer cooperação,
Moleza não quer tomar tempo,
Moleza não quer ajudar a ninguém.
Peçamos nós ao Senhor
Que nos evite cair
Nessa doença que prejudica.

Ergamos a nossa voz
Fortalecidos na fé,
Porque em todo nível
Moleza que em nós se encosta,
Dá-nos sempre a resposta:
— Não faço, não é possível.

MISERICÓRDIA E FÉ

José da Silva Machado
Tinha um filho, o Vicentinho,
Que se mantinha empregado
No lojista Souza Pinho.

Embora aos doze de idade,
Corria em todos os lados;
Era chamado na firma
O menino dos recados.

Um dia, lavando vidros,
Viu, perto, uma ratazana,
Com o susto ficou tremendo...
Quebrou seis pratos de porcelana.

Souza Pinho enfurecido,
Vendo os cacos sem proveito,
Agarrou o rapazinho
E deu-lhe um soco no peito.

Levado a casa paterna,
A mãezinha Lina Lia,
Verificou assustada
O sangue que lhe vertia.

O pai foi chamado às pressas,
Levou o filho ao hospital;
Disse o médico após o exame:
— Nosso pequeno está mal...

Passadas duas semanas
De esperança e desconforto,
Perante os pais desolados,
Vicentinho estava morto...

Souza Pinho a desculpar-se
Falou com grande desvelo,
Machado, porém, no quarto
Recusou-se a recebê-lo.

Ao sair clamou: — Esse Pinho
É uma cobra e vou matá-la,
Ninguém queira me mudar,
Para isso, tenho a sala.

Falou em processo e contenda,
— Essa cobra, vou picá-la...
A esposa apenas responde:
— Não sei o que você fala...

— E sente, meu caro Zé,
Pondere os conselhos meus...
Nossos filhos não são nossos,
Nossos filhos são de Deus.

— E ouça querido: A morte,
Acentuou a mulher,
A morte devolve a Deus,
Aquele que Deus quiser!...

— Não pense em processo ou crime...
Deus sabe o nosso pesar...
Tudo passa neste mundo,
Nossa dor há de passar!...

Dois anos após, veio um moço
Que abraçou Machado e Lina
E disse-lhes: — Meus amigos,
Vim dizer-lhes simplesmente:

— Eis a grande novidade,
Souza Pinho, o meu patrão,
Faleceu hoje de angina...

PERDÃO E VIDA

Oscar e Gil, dois irmãos,
Falavam sem alvoroço,
Em fraterno entendimento,
Trinchando peixe no almoço.

Oscar era sitiante,
Dono de muito dinheiro,
Gil, porém, era homem pobre,
Presença de companheiro.

Entre os dois faltava alguém,
A fim de se completar
Um nobre trio de irmãos,
Nascido no mesmo lar.

Esse alguém era um rapaz,
De nome Paulo Antonino
Que não amava os irmãos,
Disfarçado em vagolino.

Ao café, Oscar deu notícia,
Depois clamou muito sério:
— Essa guerra do Oriente
Tem cheiro de cemitério.

Depois disse ao Gil:
— Creio que somos irmãos
Que não se lembram na vida
Da bondade e do perdão.

— O conflito em andamento
Não é tão simples assim,
Toca a todos os que pensam,
Tanto a você quanto a mim.

Em seguida perguntou
Por notícias de Antonino,
Muito embora acreditasse
Que ele andava sem destino.

Gil saiu-se do problema,
A explicar que pela idade
Transformara-se em pastor
De paz e de caridade.

Oscar sorriu com desprezo
E aclarou: — Não creio nisto,
Não concebo um marginal
Comentando Jesus Cristo.

E prosseguiu: — Felizmente
Não lhe ouço a própria voz;
Deus conserve o nosso irmão
Sempre mais longe de nós.

— E você deve saber, vou processá-lo,
Isso será muito breve;
Com justiça pagará,
Mais de cem mil que me deve.

Gil mostrava-se agitado,
Ante as palavras candentes
E comentou: — os guerreiros e os
falsários
Deus no-los deu por doentes.

— Se estou te ouvindo correto,
Notei, você, meu irmão,
Recordando a tolerância
Por terra de elevação.

— Eu? expressava-se Oscar,
Se o visse em má vida que enleia,
Rogaria da polícia
Resguardá-lo na cadeia.

Gil fez-se mais humilde
E falou: — o que me arrasa
É saber que toda guerra
Começa dentro de casa.

PARABÊNS AUGUSTO

Do Pará quero a grandeza.
Do Ceará a alma linda.
De Minas Gerais desejo o ouro.
Do Paraná o pinheiro.
De Goiás quero o amor puro.
De Mato Grosso o futuro.
De São Paulo quero Pinda.
E posso dizer, sem susto,
De amigos, prefiro o Augusto.

REENCARNAÇÃO E VIDA

Paulo Neto amava a jovem
Lenita, filha de Nestor,
Uma estrela que esbanjava
Luz e paz, na vida em flor.

Falavam todos os dias
Sobre o celeste momento
Em que chegassem a ter
O noivado e o casamento.

Paulo, porém, a serviço
Foi ao Sítio da Cancela,
Viu a menina Carlota,
E apaixonou-se por ela.

Buscou Lenita e lhe disse
Que achava muito serviço,
Não mais podia encontrá-la
Para qualquer compromisso.

A mocinha apavorada,
Mostrava o maior espanto,
Articulava duros gestos,
E gritava, banhada em pranto.

Chamava Paulo “traidor”
E a Carlota moça “imunda”.
Tinha Lenita, na face,
Uma revolta profunda.

Paulo Neto desculpou-a
Definindo-a por doente,
E mais unido a Carlota,
Casou-se, seguindo em frente.

Depois de um ano o casal
Viajando em carro forte,
Batendo numa carreta,
Os dois acharam a morte.

Houve mudança em Lenita
Dizendo na provação
Que qualquer morto no mundo
Pede consolo e perdão.

Depois, dez anos passados,
Lenita encontrou Tenório,
Distinto negociante
E dono de grande empório.

Aproximaram-se os dois,
Mais além da cortesia,
Trabalhando, se casaram
Sem festa e sem fantasia.

Decorridos nove meses
Que a matéria determina,
Lenita ganhou dois gêmeos,
Um menino e outro menina.

Vimo-la aos beijos de mãe
Renovada e enternecida,
Dizendo às crianças que Deus
É o autor da nossa vida.

Abraçada aos dois pimpolhos
Falava em ternos carinhos:
— Agora é que sou feliz,
Meus filhinhos, meus filhinhos!...

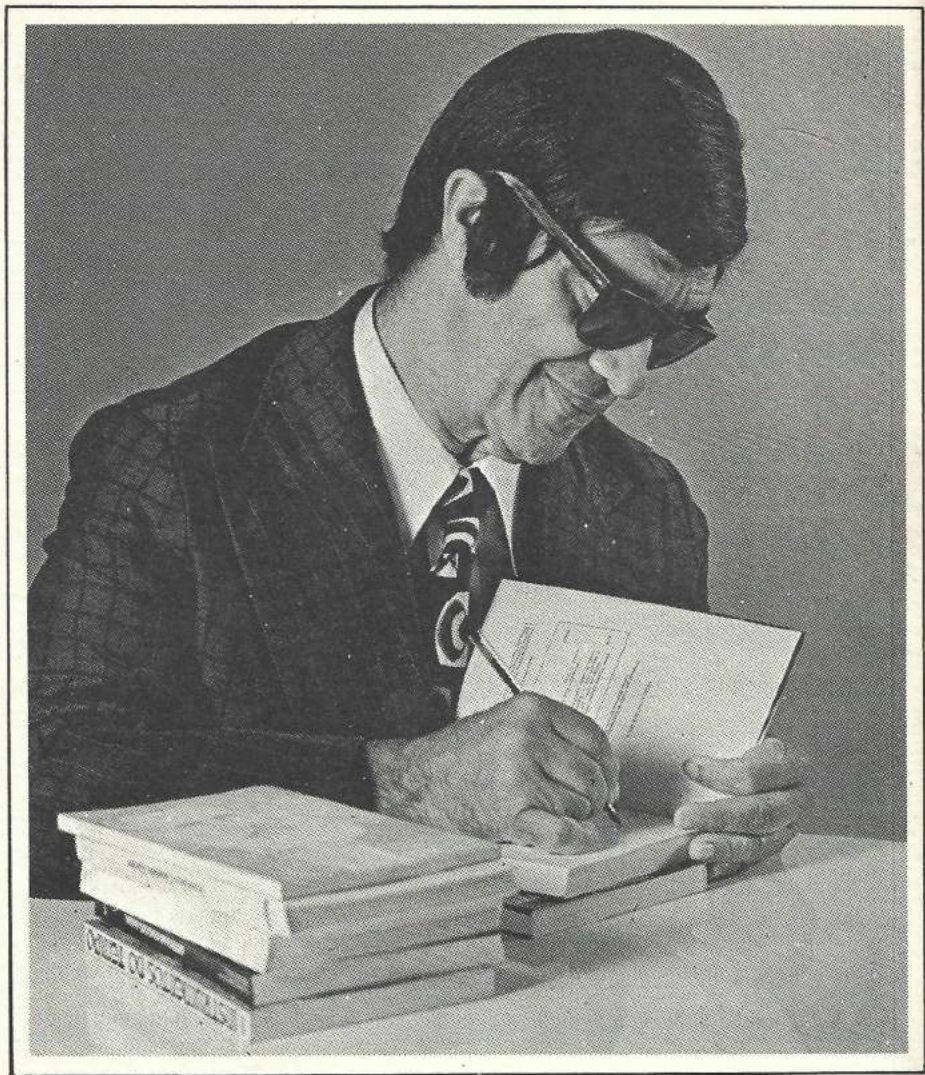
Um amigo espiritual,
Ante a fé que não se esgota,
Disse: — Estamos vendo de volta,
O Paulo Neto e a Carlota!...

E acentuou: — Meus amigos,
Bendita é a reencarnação,
A Lei que nos guia e nos eleva,
Aos cimos da evolução!...

DIRETRIZ

Quem segue para Jesus
Vive na escola do bem,
Prestando serviço aos outros,
Sem fazer mal a ninguém.

Impressão e acabamento
W. ROTH S.A. — (011) 960-2988



GRUPO
ESPÍRITA **GEM**
EMMANUEL S/C EDITORA